

Estudo comparativo sobre o Aleitamento Materno na realidade da pandemia de COVID-19 em Hospital Amigo da Criança no Nordeste brasileiro

Comparative study on Breastfeeding in the context of the COVID-19 pandemic at a Baby Friendly Hospital in Northeast Brazil

Estudio comparativo sobre Lactancia Materna en el contexto de la pandemia de COVID-19 en un Hospital Amigo del Niño en el Nordeste de Brasil

Recebido: 15/11/2022 | Revisado: 20/11/2022 | Aceitado: 22/11/2022 | Publicado: 29/11/2022

Iica Pereira Prado da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4665-6342>
Universidade Tiradentes, Brasil
E-mail: ilcaprado@gmail.com

Izailza Matos Dantas Lopes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9752-5628>
Hospital e Maternidade Santa Isabel, Brasil
E-mail: izailzamatoss@gmail.com

Resumo

Alimento primordial para a nutrição de crianças, o leite materno é indicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de forma exclusiva até os 6 meses e de forma complementar até no mínimo 2 anos de meio. Apesar da mulher ser fisiologicamente preparada sabe-se que amamentar é desafiador e que o trabalho de profissionais na promoção do aleitamento materno é fundamental. Na realidade da Pandemia causada pelo SARS-CoV-2 diversos serviços que auxiliam diretamente às famílias em aleitamento foram impactados pelas medidas de enfrentamento da doença. O seguinte trabalho visa avaliar o impacto que a COVID-19 teve em relação à adoção do Aleitamento materno pelas famílias de lactentes. Este estudo epidemiológico, analítico, transversal e retrospectivo foi feito através de prontuários de um ambulatório os em dois grupos, um com as crianças nascidas até 2019 e outros com crianças nascidas a partir de 2020. Foi visto que ambulatório de puericultura de um Hospital Amigo da Criança no Nordeste Brasileiro. Foram avaliados 148 lactentes no grupo de nascidos em 2020 cerca de 27,85% já chegaram sem Aleitamento Materno Exclusivo (AME) na primeira consulta, enquanto que no grupo nascido até 2019 o percentual foi de 8,82%. Também houve diferença no número de crianças que completaram 6 meses em Aleitamento exclusivo, sendo 25 % em crianças nascidas até 2019 e 21,52% naquelas nascidas na Pandemia. Conclui-se que houve grande impacto na adoção do aleitamento materno nas famílias brasileiras e que urgem medidas que fomentem esta prática e auxiliem a diminuir as consequências no período pós-pandêmico.

Palavras-chave: COVID-19; Aleitamento materno; SARS-CoV-2; Nutrição do lactente.

Abstract

Essential food for the nutrition of children, breast milk is recommended by the World Health Organization (WHO) exclusively up to 6 months and in a complementary way up to at least 2 years of a half. breastfeeding is challenging and that the work of professionals in promoting breastfeeding is fundamental. to evaluate the impact that COVID-19 had on the adoption of breastfeeding by families of infants. This epidemiological, analytical, cross-sectional and retrospective study was carried out through medical records of a childcare outpatient clinic of a Child Friendly Hospital in Northeast Brazil. A total of 148 infants were evaluated and divided into two groups, one with children born until 2019 and the other with children born from 2020 onwards. AME) in the first consultation, while in the group born until 2019 the percentage was 8.82%. There was also a difference in the number of children who completed 6 months in exclusive breastfeeding, with 25% in children born until 2019 and 21.52% in those born in the Pandemic. It is concluded that there was a great impact on the adoption of breastfeeding in Brazilian families and that measures are urgently needed to encourage this practice and help to reduce the consequences in the pandemic period.

Keywords: COVID-19; SARS-CoV-2; Infant nutrition; Breast feeding.

Resumen

Alimento esencial para la nutrición de los niños, la leche materna es recomendada por la Organización Mundial de la Salud (OMS) exclusivamente hasta los 6 meses y de forma complementaria hasta por lo menos los 2 años y medio La lactancia materna es un reto y que el trabajo de los profesionales en promover la lactancia materna es fundamental para evaluar el impacto que tuvo el COVID-19 en la adopción de la lactancia materna por parte de las familias de los

infantes. Este estudio epidemiológico, analítico, transversal y retrospectivo se realizó a través de historias clínicas de un ambulatorio de puericultura de un Centro Amigo del Niño. Hospital del Nordeste de Brasil. Un total de 148 infantes fueron evaluados y divididos en dos grupos, uno con niños nacidos hasta el 2019 y otro con niños nacidos a partir del 2020. AME) en la primera consulta, mientras que en el grupo nacidos hasta el 2019 el porcentaje fue de 8.82%. También hubo diferencia en el número de niños que cumplieron 6 meses en lactancia materna exclusiva, con un 25% en los nacidos hasta el 2019 y un 21,52% en los nacidos en Pandemia, se concluye que hubo un gran impacto en la adopción de la lactancia materna. en las familias brasileñas y que se necesitan medidas urgentes para fomentar esta práctica y ayudar a reducir las consecuencias en el período de la pandemia.

Palabras clave: Nutrición del lactante; Lactancia materna; COVID-19; SARS-CoV-2.

1. Introdução

O aleitamento materno é a forma de alimentação ideal que alia todas as propriedades nutricionais necessárias para as crianças, sendo indicado de forma exclusiva até os seis meses de vida e de forma complementar até os dois anos ou mais de vida do bebê (Meek,2022). Chamado de alimento ouro, o leite materno possui propriedades que além de nutrir a criança com macronutrientes necessários a exemplo de carboidratos, proteínas e até lipídios, fornece benefícios imunológicos através da presença de imunoglobulinas antimicrobianas, da atividade que favorece a formação imunomoduladora e até a formação da microbiota do intestino do bebê (Andreas et al., 2015; Ballard, 2013). Adicionam-se ainda diversos benefícios psicológicos e afetivos, financeiros e sociais (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022; Perez-Escamilla, 2021).

Apesar de ser natural e fisiológico, o processo de amamentação sofre grande impacto de práticas culturais, sociais, influências familiares, e do nível de informação que a família lactante possui a respeito da temática. Com efeito, a atuação de profissionais de saúde desde o pré-natal e da orientação dada por serviços de saúde são condições relevantes para a adoção do aleitamento materno pela família da criança (Nuampa, 2022).

Consoante ao Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI) feito em 2019 a pedido do Ministério da saúde, percebe-se que ainda há muitos avanços a fazer na durabilidade e aplicabilidade do aleitamento materno em nosso país. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem como meta que 70% das crianças sejam amamentadas ainda na primeira hora de vida, 70% amamentados exclusivamente nos primeiros 6 meses, 80% nos primeiros 12 meses de vida e 60% nos dois primeiros anos de vida. No ENANI de 2019 mostrou-se que no Brasil apenas 62,4% são amamentados ainda na chamada Hora de Ouro, enquanto apenas 45,8% recebem leite materno de forma exclusiva nos primeiros 6 meses; 52,1% recebem leite materno até o primeiro ano de vida e que apenas 35,5% recebem até completar os primeiros 2 anos de vida, discordando das diretrizes que recomendam o Aleitamento Materno de forma complementar até os 2 anos ou mais (Brasil, 2019; OMS, 2018).

A Pandemia do SARS-CoV-2 que abalou o mundo a partir do final de 2019 exigia medidas drásticas como isolamento social, o estabelecimento de quarentena, a parada de atividades ditas como não obrigatórias e entre outros atos para amenizar as vítimas da doença; houve ainda um direcionamento dos serviços de saúde que trabalharam incessantemente no combate a COVID-19, evitando-se assim atendimentos eletivos como ambulatorios, programas de prevenção e educação e saúde e o trabalho de busca ativa feita pelos profissionais de saúde - principalmente na estratégia de Saúde da família (Zhu et al.,2022). Todas essas ações necessárias trouxeram dificuldades para o adequado acompanhamento do binômio mãe e bebê nos mais diversos momentos cruciais no correto estabelecimento do aleitamento materno (Romani, 2022).

O presente trabalho visa discorrer sobre essas dificuldades e trazer um panorama comparativo da adoção do Aleitamento Materno por famílias de lactentes nascidos até 2019 e a partir de 2020 - período marcado pela pandemia supracitada - da realidade de um ambulatório de puericultura em hospital amigo da criança, serviço que tem critérios específicos definidos pela Organização Mundial da Saúde juntamente com o Fundo das Nações Unidas para a Infância(UNICEF) que se destaca pela promoção, apoio e proteção do aleitamento materno.

2. Metodologia

O referido estudo é do tipo epidemiológico, analítico, transversal e retrospectivo a partir de prontuários de papel de lactentes disponíveis em ambulatório de um hospital amigo da criança do nordeste de pacientes nascidos nesse mesmo local no período de 2016-2021 (Menezes et al, 2019). Os pacientes são seguidos no ambulatório de aleitamento materno, o qual é estimulado, no local do estudo, desde o primeiro contato após o nascimento até a conclusão do acompanhamento do serviço que se dá quando o lactente completa 12 meses. Foram incluídos no total 148 pacientes e foram avaliados diversos fatores do recém-nascido como sexo, idade gestacional no momento do nascimento, tipo de parto, idade no momento da primeira consulta, tipo de alimentação recebida desde o momento do nascimento, peso, comprimento e perímetro cefálico. Também foram coletadas variáveis dos pais: profissão, idade, média salarial e religião. É importante salientar que o acesso aos dados obtidos em prontuários aconteceu através da permissão da direção do hospital e que não houve necessidade de adesão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram utilizados prontuários que continham as informações completas do paciente, excluindo-se aqueles em que as informações não estavam claras ou havia dados indisponíveis para definir o seguimento do paciente em aleitamento. Houve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa em 23 de novembro de 2021.

3. Resultados e Discussão

A partir dos 148 lactentes estudados observou-se 74 (51,38%) são do sexo masculino e 73 (50,69%) são do sexo feminino. Em relação ao marco temporal que diferencia as crianças, 69 lactentes nasceram até o ano de 2019 (47,91%) e 79 (53,37%) a partir de 2020, período impactado pela Pandemia da COVID-19.

Dos pacientes nascidos até 2019 vê-se que 36 (50,70%) eram do sexo masculino e 35 (49,29%); 31 (44,92%) nasceram de parto cesáreo; 51 (73,91%) nasceram a termo e 5 (7,24%) nasceram pré-termo (Tabela 1).

Tabela 1 - Características dos lactentes seguidos no ambulatório da maternidade do estudo até 2019.

Sexo	Frequência	Percentual
Feminino	36	50,70%
Masculino	35	49,29%
Tipo de Parto	Frequência	Percentual
Cesáreo	31	44,92%
Vaginal	34	48,27%
Idade Gestacional	Frequência	Percentual
Pré-termo	5	7,24%
A termo	51	73,91%

Fonte: Autores.

Convém destacar na tabela acima a alta prevalência de gestações a termo, o que garante que grande parte das crianças estudadas haviam maturidade psicomotora para alimentar-se exclusivamente de leite materno, sem necessidade de terapias específicas para garantir uma amamentação adequada.

No grupo de crianças nascidas a partir de 2020, 38 (49,35%) eram do sexo feminino, nasceram de parto cesariano 29 (39,19%) lactentes e 45 (60,81%) nasceram de parto vaginal; 66 (91,67%) nasceram a termo e 6 (8,33%) nasceram prematuramente (Tabela 2) (Pequeno, 2022).

Tabela 2 - Características dos lactentes seguidos no ambulatório da maternidade do estudo a partir de 2020.

Sexo	Frequência	Percentual
Feminino	39	49%
Masculino	38	51%
Tipo de Parto	Frequência	Percentual
Cesário	29	39%
Normal	45	61%
Idade Gestacional	Frequência	Percentual
Pré-termo	6	8%
A termo	66	92%

Fonte: Autores.

Tem destaque o aumento da prevalência de parto vaginal em relação ao período anterior. Tal fato também pode ser explicado ao fomento do método na realidade pandêmica, que preconizava a redução de procedimentos desnecessários.

Comparando os dados a respeito da realidade alimentar da amostra estudada, observa-se que dos lactentes nascidos até 2019, 6 (8,22%) chegaram sem a adoção de Aleitamento Materno Exclusivo (AME) já na primeira consulta. 15 (22%) lactentes só completaram o 1 mês em AME, 7 (10,29%) lactentes só chegaram aos 2 meses em AME, 9 (13,23%) só ficaram em AME até os 3 meses; 7 (10,29%) lactentes ficaram em AME até os 4 meses e 7 (10,29%) lactentes completaram 5 meses em AME. Desse grupo de nascidos até 2019 apenas 17 (25%) completaram pelo menos 6 meses em Aleitamento Materno Exclusivo. Os resultados obtidos das crianças nascidas a partir de 2020 mostram que 22 (27,85%) já chegaram a primeira consulta sem a adoção de AME, 19 (24,05%) completaram apenas 1 mês de vida em AME, 7 (8,86%) lactentes só tiveram AME até o segundo mês, 4 (5,06%) lactentes chegaram ao 3º mês de vida em AME e 4 (5,06%) chegaram ao 4º mês de vida em AME; 5 (6,33%) lactentes completaram 5 meses com AME e 17 (21,52%) chegaram aos 6 meses em Aleitamento Materno Exclusivo (Pequeno, 2022).

Tabela 3 - Descrição alimentar dos lactentes seguidos no ambulatório da maternidade do estudo de 2016-2021.

	Nascidos até 2019		Nascidos a partir de 2020	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sem AME já na 1ª consulta	6	8,22%	22	27,85%
AME até 1M	15	22%	19	24,05%
AME até 2M	7	10,29	7	8,86%
AME até 3M	9	13,23	4	5,06%
AME até 4M	7	10,29	4	5,06%
AME até 5M	7	10,29	5	6,33%
AME até 6M	17	25%	17	21,52%

Fonte: Autores.

Na tabela acima damos uma atenção especial ao aumento significativo do percentual de crianças que já chegaram na primeira consulta de puericultura na ausência do Aleitamento Materno Exclusivo (AME).

A princípio refletindo as características dos lactentes, percebe-se que dos dois grupos apresentados houve maior incidência de parto vaginal sendo 60,81% dos partos e maior prevalência de nascimentos de crianças a termo, característica condizente com o perfil de baixo risco da maternidade estudada e com a realidade nacional de 56% de partos cesarianas, valores que são contra indicados pela Organização Mundial de Saúde que definiu ainda em 1985 que tal número não deve

passar de 15% dos totais de partos realizados. Em relação ao sexo dos lactentes, houve a predominância do sexo feminino nas crianças nascidas até 2019 e do sexo feminino nas crianças nascidas a partir de 2020.

No que se refere ao aleitamento materno o presente estudo demonstrou que houve uma pequena discrepância no perfil do aleitamento materno entre os dois grupos. No grupo de crianças nascidas até 2019 cerca de 8,22% já chegaram na primeira consulta de puericultura sem o uso do Aleitamento Materno Exclusivo. Já no grupo das crianças nascidas em período pandêmico percebeu-se que 27,85% já tinham abandonado o AME na primeira consulta pediátrica pós parto. Tais dados são condizentes com vivência de outras maternidades brasileiras as quais em períodos pandêmicos chegaram a relatar redução do Aleitamento Materno Exclusivo já no Alojamento Conjunto, em que apenas 80,3% dos lactentes estavam nesta modalidade e houve vinculação desta alteração com a impossibilidade do aconselhamento adequado sobre o tema, no período pré-natal e conformidade com o que foi exposto por 51,9% das lactentes (Pequeno, 2022).

No que tange à adoção do aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de vida, como preconizado pela OMS, nas crianças nascidas até 2019 cerca de 25% atingiram esse marco, enquanto que apenas 21,52% das crianças nascidas a partir de 2020 chegaram a marca dos 6 meses em alimentação exclusiva pelo leite materno (Pequeno, 2022). Essas divergências relativas ao tempo de Amamentação Exclusiva e da sua prevalência em crianças de até 6 meses de idade refletem a repercussão que as medidas de enfrentamento ao COVID tiveram na população estudada. Em populações asiáticas também foi demonstrada uma menor prevalência de Aleitamento Materno exclusivo, em que em grupos de crianças alimentadas antes do lockdown 39% receberam algum tipo de complemento junto ao leite materno, enquanto 59% receberam Aleitamento Materno complementado durante o lockdown (Vasquez-Vasquez, 2021).

Em algumas realidades 39,2% das mulheres referiram que a vivência da Pandemia afetou de forma traumática a experiência do fornecimento de leite materno, experiência sentida de forma mais enfática por mulheres sem vivência anterior de amamentação e naquelas nos de contaminação da criança pelo SARS-CoV-2 devido ao contato íntimo e necessário para o aleitamento materno, receio que foi dispersado após estudos demonstrarem que até mesmo uma mãe infectada com a doença pode amamentar de forma segura - desde que utilizando regras de higiene sanitária como a utilização de máscaras - e que o ato de amamentar auxilia inclusive na recuperação psicológica de mulheres que testaram positivo para a doença ainda no puerpério, período classicamente delicado devido às bruscas modificações físicas e hormonais que ocorrem após o parto. (Duru, 2022; Ceulemans, 2020; Luo, 2021; Bhatt, 2021).

Tratando-se de um evento extremamente importante para o binômio mãe e bebê, mulheres relataram que as intercorrências citadas anteriormente trouxeram consequências inclusive na saúde mental materna - como no desenvolvimento ou agravamento de doenças a exemplo de depressão e ansiedade - e no bem estar do recém-nascido que chegaram a apresentar irritabilidade, estresse e alterações de sono (Sakalidis et al., 2022, Kotlar 2021). Houve ainda influência da dificuldade de contato com profissionais e da impossibilidade dos atendimentos presenciais dos serviços de saúde relacionados à amamentação; também foi relatada que a necessidade de afastamento de familiares e amigos que exercem o papel de rede de apoio impactou negativamente no estabelecimento da amamentação (Swiki et al., 2022; Demirci).

Em contraponto aos resultados encontrados no presente trabalho, em muitas localidades algumas mulheres negaram qualquer influência negativa da pandemia na amamentação, em alguns territórios a exemplo da Espanha foi visto um aumento significativo da amamentação em relação a anos anteriores a 2020 (Nicolás-Lopez, 2022). No Reino Unido 41,8% das mães lactantes sentiram que o lockdown foi um fator de proteção à amamentação e beneficiou o binômio mãe e bebê que muitas vezes tinha limitações à livre demanda porque as lactantes exerciam atividades laborais fora de domicílio, passando então na pandemia, períodos prolongados sem qualquer tipo de interferência. Interessante ressaltar que este ponto gera discordância na literatura, já que o afastamento que inicialmente beneficiou as famílias trouxe muito desconforto e insegurança quando houve um prolongamento do tempo de lockdown. (Sakalidis, 2022; Brown, 2021; Yu, 2022).

Muitas mães disseram ainda que todo este processo estreitou laços com a rede de apoio formada por familiares e amigos, aumentando o incentivo para amamentar. Um determinado número de mulheres decidiram ainda prolongar o tempo de amamentação justamente por entender os diversos benefícios que o aleitamento materno traz para a saúde da criança, ocasionando uma segurança a mais em um período delicado da saúde mundial. Algumas populações se beneficiam de projetos que ofereciam serviços de promoção à amamentação por meios não presenciais como via ligação, plataformas de mensagens instantâneas e até postagens em redes sociais e assim conseguiram vencer os desafios da pandemia e não trouxeram impactos à amamentação da população em questão (Rodríguez-Gallego et al., 2022; Ceulemans, 2020; Chien et al., 2022; Dağlı, 2022).

4. Conclusão

Destarte o que foi discutido acima e frente ao inegável impacto que a pandemia do SARS-CoV-2 causou mundialmente, demonstrou-se que houve reflexo na adoção do Aleitamento Materno em crianças assistidas por uma Maternidade Escola no Nordeste brasileiro, em que entre os grupos comparados percebe-se um aumento no número de crianças que de forma precoce não adotou o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) e redução percentual da quantidade de crianças as quais completaram os 6 meses de vida em Aleitamento Materno Exclusivo (AME). Deve-se incentivar programas nacionais já existentes como a Estratégia Nacional para Promoção do Aleitamento Materno e Alimentação Complementar Saudável no SUS - Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil (EAAB) aplicada desde o ano de 2022. Outrossim para amplificar a disseminação do aleitamento materno podem ser utilizados meios eletrônicos, publicações e eventos online para alcançar toda a população do nosso país com dimensões continentais desejando-se criar uma cultura nacional forte de incentivo ao aleitamento materno.

Portanto, a comunidade científica deve ter uma atenção especial à amamentação nos anos posteriores à Pandemia de forma especial através de estudos que demonstrem o impacto a longo prazo que as medidas de enfrentamento à doença trouxeram à amamentação. Urgem ainda, estudos que revelem novas modalidades de educação e saúde que se mostrem eficazes mesmo na vigência de dificuldades extremas como as vivenciadas no período pandêmico.

Referências

- Andreas, N. J., Kampmann, B., & Mehring Le-Doare, K. (2015). Human breast milk: A review on its composition and bioactivity. *Early human development*, 91(11), 629–635. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2015.08.013>
- Ballard, O., & Morrow, A. L. (2013). Human milk composition: nutrients and bioactive factors. *Pediatric clinics of North America*, 60(1), 49–74. <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2012.10.002>
- Bhatt H. (2021). Should COVID-19 Mother Breastfeed her Newborn Child? A Literature Review on the Safety of Breastfeeding for Pregnant Women with COVID-19. *Current nutrition reports*, 10(1), 71–75. <https://doi.org/10.1007/s13668-020-00343-z>
- Brown, A., & Shenker, N. (2021). Experiences of breastfeeding during COVID-19: Lessons for future practical and emotional support. *Maternal & child nutrition*, 17(1), e13088. <https://doi.org/10.1111/mcn.13088>
- Ceulemans, M., Verbakel, J. Y., Van Calsteren, K., Eerdeken, A., Allegaert, K., & Foulon, V. (2020). SARS-CoV-2 Infections and Impact of the COVID-19 Pandemic in Pregnancy and Breastfeeding: Results from an Observational Study in Primary Care in Belgium. *International journal of environmental research and public health*, 17(18), 6766. <https://doi.org/10.3390/ijerph17186766>
- Dağlı E, Topkara FN. The effect of tele-education delivered to mothers during the COVID-19 pandemic on breastfeeding success and perceived breastfeeding self-efficacy: Randomized controlled longitudinal trial. *Health Care Women Int*. 2022 Oct 13:1-16. doi: 10.1080/07399332.2022.2132251. Epub ahead of print. PMID: 36227641.
- Demirci J. R. (2020). Breastfeeding Support in the Time of COVID-19. *The Journal of perinatal & neonatal nursing*, 34(4), 297–299. <https://doi.org/10.1097/JPN.0000000000000521>
- Duru, P., Başaran, F., & Örsal, Ö. (2022). Breastfeeding Practices During the SARS-CoV-2 Pandemic Were Influenced by Women's Life Event. *The Journal of perinatal & neonatal nursing*, 36(1), 68–76. <https://doi.org/10.1097/JPN.0000000000000619>
- Kotlar, B., Gerson, E., Petrillo, S., Langer, A., & Tiemeier, H. (2021). The impact of the COVID-19 pandemic on maternal and perinatal health: a scoping review. *Reproductive health*, 18(1), 10. <https://doi.org/10.1186/s12978-021-01070-6>

Lubbe, W., Niela-Vilén, H., Thomson, G., & Botha, E. (2022). Impact of the COVID-19 Pandemic on Breastfeeding Support Services and Women's Experiences of Breastfeeding: A Review. *International journal of women's health*, 14, 1447–1457. <https://doi.org/10.2147/IJWH.S342754>

Luo, Q. Q., Xia, L., Yao, D. J., Wu, M., Wang, H. B., Luo, M. H., Jiang, X., & Chen, H. (2021). Breastfeeding in Mothers with COVID-19: Insights from Laboratory Tests and Follow-Up from Early Outbreak of the Pandemic in China. *Journal of women's health (2002)*, 30(11), 1546–1555. <https://doi.org/10.1089/jwh.2020.8978>

Menezes, A. H. N., Duarte, F. R., Carvalho, L. O. R., & Souza, T. E. S. (2019). *Metodologia Científica : Teoria e aplicação na educação a distância*. Universidade Federal do Vale do São Francisco. <https://portais.univasf.edu.br/noticias/univasf-publica-livro-digital-sobre-metodologia-cientifica-voltada-para-educacao-a-distancia/livro-de-metodologia-cientifica.pdf/@download/file/LIVRO%20de%20Metodologia%20Cient%3%ADfca.pdf>

Nicolás-López, M., González-Álvarez, P., Sala de la Concepción, A., Giralt-López, M., Lorente, B., Velasco, I., Wichner, P., & Ginovart, G. (2022). Maternal mental health and breastfeeding amidst the Covid-19 pandemic: cross-sectional study in Catalonia (Spain). *BMC pregnancy and childbirth*, 22(1), 733. <https://doi.org/10.1186/s12884-022-05036-9>

Nuampa, S., Ratinthorn, A., Patil, C. L., Kuesakul, K., Prasong, S., & Sudphet, M. (2022). Impact of personal and environmental factors affecting exclusive breastfeeding practices in the first six months during the COVID-19 pandemic in Thailand: a mixed-methods approach. *International breastfeeding journal*, 17(1), 73. <https://doi.org/10.1186/s13006-022-00515-3>

Pequeno, M. M. P., & Lopes, I. M. D. (2022). Analisar a dieta de lactentes de uma maternidade de ensino na região nordeste do Brasil durante a Pandemia pelo SARS-CoV-2. *Research, Society and Development*, 11(2). <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25623>

Perez-Escamilla, R., & Segura-Perez, S. S. (2021). Benefícios maternos e econômicos da amamentação. *Uptodate*. https://www.uptodate.com/contents/maternal-and-economic-benefits-of-breastfeeding?search=amamenta%3%A7%C3%A3o%20benef%C3%ADcios&topicRef=5013&source=see_link

Rodríguez-Gallego, I., Strivens-Vilchez, H., Agea-Cano, I., Marín-Sánchez, C., Sevilano-Giraldo, M. D., Gamundi-Fernández, C., Berná-Guisado, C., & Leon-Larios, F. (2022). Breastfeeding experiences during the COVID-19 pandemic in Spain: a qualitative study. *International breastfeeding journal*, 17(1), 11. <https://doi.org/10.1186/s13006-022-00453-0>

Sakalidis, V. S., Rea, A., Perrella, S. L., McEachran, J., Collis, G., Miraudou, J., Prosser, S. A., Gibson, L. Y., Silva, D., & Geddes, D. T. (2022). Longitudinal changes in wellbeing amongst breastfeeding women in Australia and New Zealand during the COVID-19 pandemic. *European journal of pediatrics*, 181(10), 3753–3766. <https://doi.org/10.1007/s00431-022-04580-y>

Siwik, E., Larose, S., Peres, D., Jackson, K. T., Burke, S. M., & Mantler, T. (2022). Experiences of At-Risk Women in Accessing Breastfeeding Social Support During the Covid-19 Pandemic. *Journal of human lactation : official journal of International Lactation Consultant Association*, 38(3), 422–432. <https://doi.org/10.1177/08903344221091808>

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2022). *Tratado de Pediatria* (5th ed.). Manole.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. (2021). Aleitamento materno: Prevalência e práticas de aleitamento materno em crianças brasileiras menores de 2 anos 4: ENANI 2019. <https://enani.nutricao.ufjf.br/index.php/relatorios/>

Vazquez-Vazquez, A., Dib, S., Rougeaux, E., Wells, J. C., & Fewtrell, M. S. (2021). The impact of the Covid-19 lockdown on the experiences and feeding practices of new mothers in the UK: Preliminary data from the COVID-19 New Mum Study. *Appetite*, 156, 104985. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2020.104985>

WHO; UNICEF. Discussion paper. The extension of the 2025 Maternal, Infant and Young Child nutrition targets to 2030, 2018a.

Yu, J., Gao, M., Wei, Z., Wells, J., & Fewtrell, M. (2022). The impact of the Covid-19 pandemic on maternal delivery experiences and breastfeeding practices in China: data from a cross-sectional study. *BMC pediatrics*, 22(1), 104. <https://doi.org/10.1186/s12887-022-03155-y>

Zhu, P. H., Mhango, S. N., Vinnakota, A., Mansour, M., & Coss-Bu, J. A. (2022). Effects of COVID-19 Pandemic on Nutritional Status, Feeding Practices, and Access to Food Among Infants and Children in Lower and Middle-Income Countries: a Narrative Review. *Current tropical medicine reports*, 1–10. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s40475-022-00271-8>